

## AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO DISCURSO MIDIÁTICO NA CHEIA DO RIO MADEIRA DE 2014<sup>38</sup>

Rosália Aparecida da Silva<sup>39</sup>  
Nair Ferreira Gurgel do Amaral<sup>40</sup>

### Introdução

O Rio Madeira, que se inicia no encontro das águas bolivianas (representadas pelo Rio Beni) com as do Rio Mamoré, no município de Nova Mamoré (RO), possui fundamental importância para Rondônia e demais regiões por onde passa, até se juntar ao Rio Amazonas. É parte do seu povo e da formação de sua identidade cultural. No ano de 2014, uma grande cheia marcou a vida da população boliviana, acriana e da capital e interior de Rondônia. O auge da inundação ocorreu no dia 30 de março de 2014, quando o pico registrado foi de 19,74 metros. Até então, a cota máxima havia chegado a 17,52 metros, em 1997.

Com sua ligação histórica, cultural e socioeconômica tão próxima da vida urbana e dos ribeirinhos, as pessoas contribuíram por meio de diferentes ações nesse desastre natural, desde o envio de donativos aos atingidos pela cheia, até entidades que uniram esforços no sentido de minimizar os impactos pelo aumento grandioso das águas. Nos primeiros meses, as escolas da cidade foram utilizadas como abrigo, alterando o calendário letivo de diversos estudantes porto-velhenses.

Naquele momento, foram produzidos diversos enunciados sobre a *Cheia do Rio Madeira*. Entre essas discursividades, está a forma pela qual a imprensa local tratou o fato. O recorte do *corpus* para estudar a aproximação entre linguagem, mídia impressa e o evento de elevação das águas durante o *ano hidrológico* ficou entre outubro de 2013 e setembro de 2014, retratando a maior cheia do Rio Madeira. Sob o olhar da mídia, passou a ser histórica.

Tomou-se como referência as notícias veiculadas no Jornal Diário da Amazônia<sup>41</sup>, uma empresa organizada juridicamente e partícipe do Sistema Gurgacz de Comunicação (SGC). A inauguração do Jornal Diário da Amazônia ocorreu em 14 de setembro de 1993 (DIÁRIO DA AMAZÔNIA, 2016), estando na época da cheia com mais de 20 anos de existência. A esse grupo da comunicação rondoniense estão ligadas as empresas jornalísticas Rede TV! Rondônia e Rádio Globo AM (ambas com sede em Porto Velho), Rádio Alvorada (Ji-Paraná) e Portal SGC na *internet*.

O informativo é o único do Estado a ser auditado pelo Instituto Verificador de Circulação (ICV), uma associação civil que tem como objetivo velar, primordialmente, pela

38. A pesquisa faz parte de dissertação de Mestrado em Letras da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), apresentada em abril de 2018: “Memórias, sentidos e espetacularização nos discursos da cheia histórica do Rio Madeira (2013/2014)”.

39. Jornalista/IFRO. Mestre em Letras/UNIR. ORCID: 0000-0002-9474-6588. E-mail: rosalia.silva@ifro.edu.br

40. Professora/UNIR. Doutora em Linguística e Língua Portuguesa/UNESP. E-mail: nairgurgel@uol.com.br

41. Os demais jornais diários da cidade de Porto Velho pararam de circular. O Jornal Alto Madeira circulou pela última vez em 01 de outubro de 2017, conforme informação Disponível em: <http://www.rondoniense.com.br/noticias/o-alto-madeira-como-a-escola-do-jornalismo-em-rondonia-que-deixa-saudade,9914.shtml>. Acesso em: 16 fev. 2018. O Estadão do Norte e outros foram extintos há mais de dois anos. Disponível em: <http://amazoniareal.com.br/profissao-jornalista-rondonia-tem-o-mesmo-piso-salarial-ha-9-anos/>. Acesso em: 16 fev. 2018.

autenticidade e veracidade de informações utilizadas para comercialização de espaço publicitário (DIÁRIO DA AMAZÔNIA, 2016). A sede fica na Avenida Calama, 2.666, no Bairro Liberdade, em Porto Velho. Em seu site estão disponíveis as edições digitais referentes ao último mês da data da qual se acessa<sup>42</sup>.

É uma das características do texto da mídia ter uma equipe responsável pela sua produção e publicação (pauteiro, repórter de texto e de foto, editor, revisor e outros). Já outra possibilidade de textos noticiosos é ser iniciado a partir de uma sugestão de pauta de uma assessoria de imprensa ou do público em geral. Apesar desse grupo grande de pessoas nos *bastidores* da notícia, o maior enunciador será representado pela empresa jornalística, no caso, o Jornal Diário da Amazônia, uma empresa de direito privado e sediada em Porto Velho (RO).

No caso de uma mídia impressa da natureza do Jornal Diário da Amazônia, uma das convenções é que difere de um discurso puramente publicitário, é destinado à objetividade do texto jornalístico. Por seu caráter de venda de uma informação de interesse social, Maingueneau (2013, p. 44) diz que “o discurso jornalístico é de certa forma antecipadamente legitimado, uma vez que foi o próprio leitor que o comprou”. O simulacro passa, assim, perante essa correlação jornal-leitor a fazer do acontecimento em si um novo acontecimento, relatado, recriado e/ou reorganizado.

Um jornal impresso, seja de periodicidade diária, semanal ou mensal, é um suporte que agrega muitos gêneros textuais em seu interior. Maingueneau (2013) trata desse papel que ele não considera acessório, mas que, por ter outras funções, também contribui para transportar uma mensagem de forma escrita e ilustrada por fotos ou outras imagens até o leitor, de forma que tudo está carregado de sentido da forma, organização, suporte e textos. O que ocorre desde o seu formato que, segundo Silva (2007, p. 158), por sua “forma retangular é o elemento dominante que hierarquiza, ordena e estabiliza o espaço e o tempo, em busca de uma supra-ordenação que represente simbolicamente o todo”. Impresso na capa de um jornal está o chamamento para a leitura da informação completa nas páginas internas a partir da compra do exemplar. Nesse sentido, Gregolin (2000, p. 26) explica que “A primeira página é um lugar textual em que devem predominar as mensagens referenciais, já que pretende oferecer ao leitor uma espécie de síntese do conteúdo noticioso”. É entre esses textos de notícias que se busca compreender o que foi dito na época e, principalmente, como foi dito, conforme bojo metodológico da Análise do Discurso.

Na observação do *corpus* selecionado, verifica-se que as mensagens referenciais figuraram nas capas dando destaque ao tema *cheia*, muitas vezes sendo a própria manchete principal, outras vezes estando impressas em

42. Jornal Diário da Amazônia. Disponível em: <http://www.diariodaamazonia.com.br/diariodaamazonia/edicoes/?dinamico>. Acesso em: 27 jan. 2018.

menor escala de visibilidade, entretanto entre os destaques de primeira página. Em outros momentos, eram matérias que foram editadas com chamadas noticiosas distribuídas em diferentes seções do jornal, não só no formato noticioso, como também foram publicadas mediante apelo publicitário. Mesmo que o suporte não enclausure a mensagem, por outro lado não a deixa passar despercebida. Esse é o ponto principal desta pesquisa, o de verificar a relação entre linguagem e mídia, e, em que contexto essa relação influenciou na divulgação da cheia no Rio Madeira, notadamente no ano de 2014, na cidade de Porto Velho.

O objetivo do estudo é o de analisar de que forma as condições de produção do discurso influenciaram na noticiabilidade dos fatos. A base teórica para a investigação vem de Maingueneau (1993; 1998; 2013; 2016) e de Gregolin (2000; 2003). Para tanto, compõem o artigo uma seção teórica em relação à Análise do Discurso. Seguida da análise dos dados, conforme coleta feita no ano de 2016 no arquivo físico do jornal Diário da Amazônia, e apresentação dos resultados, com as considerações para conclusão do trabalho.

### **Aporte teórico**

A Análise do Discurso (AD) foi criada na década de 1960, em um período que o estudo da linguagem ganhava novos parâmetros e críticas em relação ao *status quo*, com o intento de ir além da estrutura interna da análise isolada de palavras e frases. Começavam a ser incluídos com maior ênfase as correntes pragmáticas e o lado social com seus contextos na forma como passaram a ser estudados os textos e os discursos que circulavam em diferentes espaços sociais. Em Pêcheux (2015), o discurso é estrutura e acontecimento, o que coloca um enunciado dado a ser analisado também na convergência de atualidade e memória. Expande nessa forma de conceituação a interpretação restrita em estrutura sintática e semântica ao estudar o discurso em encontro com uma exterioridade.

Discurso também pode ser conceituado como “uma dispersão de textos, cujo modo de inscrição histórica permite definir como um espaço de regularidades enunciativas” (MAINGUENEAU, 2016, p. 15). Expande sobremaneira a formulação linguística e de textualidade de vocábulos e frases. Conforme Maingueneau (1993, p. 18), faz-se a opção pela linguística, sem, contudo contar com a exclusividade dela e “que estudaria os textos, da mesma forma que a fonética estuda os sons, mas ela atravessa o conjunto de ramos da [linguística]”. À Linguística, são somadas na Análise de Discurso as teorias revisitadas da psicanálise e do materialismo histórico e dialético. É desta maneira que o autor defende haver uma coerência global, que, por sua vez, é distinta do que ele cita como *profundeza versus superfície*

dos sentidos veiculados nos textos, do que é estudado isoladamente em análises estruturais e gramaticais.

Para Maingueneau (2016), a dicotomia profundidade e superfície deve ser superada para que a análise alcance todas as dimensões do discurso. Por essa análise do global, quando observada a cultura midiática, está em seu cerne a mediação entre realidade e leitores, pois há vozes históricas agindo no mundo dos sentidos. Gregolin (2003, p. 97) defende que aquilo que “os textos da mídia oferecem não é a realidade, mas uma construção que permite ao leitor produzir formas simbólicas de representação da sua relação com a realidade concreta”. É o formato do gênero discursivo atuando sobre um dado acontecimento na busca de representá-lo a quem vai consumir a notícia, a informação.

Sob uma perspectiva discursiva, o texto passa a ser visto como uma unidade linguística e em um acontecimento histórico. Para Gregolin (2000, p. 19-20), o discurso é a “língua colocada em prática no trabalho simbólico – é determinado pela História, por isso o sentido não está fixado como essência das palavras”. Suas palavras e textos remetem a outras situações ditas anteriormente e que são, de alguma forma, carregadas de outros saberes, intencionalidades, tendências e ocultamentos. Seguindo essa linha teórica, Maingueneau (2016, p. 17) afirma que, “de nossa parte, nós nos situaremos no lugar em que vêm se articular um funcionamento discursivo e sua inscrição histórica, procurando pensar as condições de uma ‘enunciabilidade’ passível de ser historicamente circunscrita”. Diante disso, para ele, o discurso é contemplado sob o ponto de vista de sua gênese ou relacionado ao exterior enunciativo e da relação com o interdiscurso, este com sentido de remeter (direta ou indiretamente) a outros discursos que já circularam ou possuem uma regularidade discursiva. O discurso passa a ser considerado dentro de uma *coerência global* e de uma dualidade entre profundidade e superfície discursiva, pois,

[...] mais que sacrificar um dos dois níveis em proveito do outro ou de imaginar novas pontes entre eles, seria melhor superar essa dicotomia, recusar as imagens arquiteturais que lhes subjazem, para admitir que um discurso não tem nenhuma ‘profundidade’, que sua especificidade não se localiza em alguma ‘base’ que seria seu fundamento, mas que se desdobra sobre todas as suas dimensões. (MAINGUENEAU, 2016, p. 18).

Para o autor supracitado, o discurso pode ser entendido como uma dispersão de textos, cujo modo de inscrição histórica permite definir um espaço de regularidades enunciativas. Nas palavras do pesquisador, “nem tudo o que foi dito será acessível, porém são integralmente históricos e linguísticos, resultando que esse dizível constitui um sistema e delimita uma identidade” (MAINGUENEAU, 2016, p. 16).

Os discursos estão em circulação nos vários espaços da sociedade e, diferentemente da pesquisa histórica tradicional, em que há uma estruturação linear e de continuidade entre os fatos, a AD segue o método que compreende o fenômeno histórico-cultural como sendo decorrente do modo de produção econômica, com a tentativa de dominação social e política, materializada pela linguagem. O discurso é compreendido não somente como uma estrutura linguística, mas ele próprio é um acontecimento, que inter cruzará os caminhos da análise. Ou como evoca Pêcheux (2015, p. 18), “o do acontecimento, o da estrutura e o da tensão entre descrição e interpretação no interior da análise do discurso”. Deste intercruzamento de áreas, advém a análise.

Gregolin (2003), na apresentação do livro *Discurso e Mídia: a cultura do espetáculo*, recorre ao termo fundador denominado *sociedade do espetáculo*<sup>43</sup> e também a Pêcheux (2015), que (des)construiu discursivamente uma espetacularização dos acontecimentos quando da eleição do presidente francês M. Mitterand, no início dos anos 1980. A análise pecheutiana demonstrou uma mudança da política operada por meio daquela espetacularização, que misturava política com expressões de um final de campeonato esportivo. Os mesmos enunciados podem ser remetidos “ao mesmo fato, mas não constroem a mesma significação” (GREGOLIN, 2003, p. 10). O que a autora mostra é uma consequência por haver diferentes filiações a discursos anteriores e já-ditos.

Por outro lado, as condições de produção<sup>44</sup> do discurso que estarão envoltas à eclosão de cada acontecimento estão ligadas à situação, aos sujeitos e às suas historicidades. Segundo Maingueneau (1998), *condições de produção* é um termo variante de contexto. Maingueneau (1998, p. 33) explica que a análise do discurso “não estuda de maneira imanente os enunciados para em seguida relacioná-los a diversos parâmetros ‘exteriores’, situacionais: ela se esforça, pelo contrário, a apreender o discurso como uma atividade inseparável desse ‘contexto’”. Ele representa muito mais do que ambiente físico, ou momento e lugar de enunciação, estando ligado a três diferentes tipos: o contexto situacional ou ambiente físico da enunciação, o contexto ou sequências verbais e o conhecimento de mundo ou memória (MAINGUENEAU, 2013). O núcleo constituinte do contexto é composto por participantes, quadro espaço-temporal e objetivo.

Quanto aos participantes, eles desempenham diferentes *papéis* no discurso (professor, aluno, escritor, editor...); o espaço-temporal enquadra tanto objetivamente a data de realização do *discurso*, quanto à sua denominação (comemoração, centenário...); e os objetivos, que estão hierarquizados (quando não ocorrem deslizos e/ou desvios), como no caso de um sermão que faz parte de uma missa, por exemplo. Outro termo definido por Maingueneau (1993) é o de comunidade discursiva. Essa noção não deve

43. “Logo depois de publicar seu livro *A sociedade do espetáculo* (1967), Guy Debord fez um filme com o mesmo nome (1973)”, texto inicial da matéria “Para compreender a Sociedade do Espetáculo”. Disponível em: <https://outraspalavras.net/posts/para-compreender-a-sociedade-do-espetaculo/>. Acesso em: 22 jan. 2018.

44. Em Pêcheux (2014, p. 76), o exemplo é de um deputado que participa ou é oposição ao governo: “o que diz, o que anuncia, promete ou denuncia não tem o mesmo estatuto conforme o lugar que ele ocupa”.

“ser entendida de forma excessivamente restritiva: ela não remete unicamente a grupos (instituições e relações entre agentes), mas também a tudo que estes grupos implicam no plano da organização material e modos de vida” (MAINGUENEAU, 1993, p. 56).

Segundo Gregolin (2000, p. 23) “o discurso cristaliza as práticas de textualização em formas textuais”, como se pode ver nos campos literário, político, científico, midiático e outros. Uma das prerrogativas no quesito contextual é a de identificar a que gênero discursivo pertence o texto analisado. Ligados a uma infinidade de possíveis gêneros e de suas tipologias comunicacionais, essa classificação colabora para que haja entendimento da informação nele veiculada. Um gênero *bilhete*, por exemplo, já tem suas pré-construções que ajudam o receptor a entender o porquê de ser uma comunicação curta. Assim, como atualmente é descabido um áudio no aplicativo *WhatsApp* ser muito longo, pois é uma forma de comunicação inicialmente pensada para também ser curta, usada no lugar de uma mensagem escrita ou não verbal, como fotos e outras imagens. Destarte, espera-se que ao fazer, “ao desmontar os documentos e ler as suas condições de produção, o historiador estará interpretando a forma como a sociedade se representa” (GREGOLIN, 2000, p. 21).

As possibilidades do discurso são, assim, representações de cada tempo e história. São “dispositivos de comunicação que só podem aparecer quando certas condições de produção sócio-históricas estão presentes” (MAINGUENEAU, 2013, p. 67), e sofrem variação conforme a sociedade e as épocas de sua utilização. Como exemplo, o autor traz a divisão entre um gênero discursivo “*talk-show*”, que pode estar ligado a tipos de discursos como o televisivo, o radiofônico ou o da imprensa escrita, e atualmente também o da *internet*:

Graças ao nosso conhecimento dos gêneros do discurso, não precisamos prestar uma atenção constante a todos os detalhes de todos os enunciados que ocorrem à nossa volta. Em um instante somos capazes de identificar um dado enunciado como sendo um folheto publicitário ou como uma fatura e, então, podemos nos concentrar apenas em um número reduzido de elementos. (MAINGUENEAU, 2013, p. 70).

De acordo com o que foi dito acima, é necessário considerar a existência semiótica de um gênero (escrito, falado, cantado, desenhado...), pois isso contribui na sua legitimação. Além desse conhecimento mais global, cabe dizer que o suporte no qual a mensagem é veiculada não é visto apenas como acessório dentro de um discurso. Para Maingueneau (2013, p. 81), “o *medium* não é um simples ‘meio’ de transmissão do discurso, mas ele impõe coerções sobre seus conteúdos e comanda os usos que dele podemos fazer”.

O autor dirá ainda que “a cada gênero associam-se momentos e lugares de enunciação específicos e um ritual apropriado” (MAINGUENEAU, 1993, p. 36). Assim, a legitimação da informação passada pelo jornal impresso está em ser um veículo de informações autênticas e que cumpre o papel de informar a sociedade sobre os fatos ocorridos no cotidiano. E será a partir dessa *competência genérica* e de seu lugar de fala que se pode assegurar que a comunicação, por fim, ocorra.

A partir do resgate teórico de que o gênero midiático jornal impresso possui inscrições históricas desde a escolha do suporte até as matérias que serão veiculadas, chega-se à necessidade de análise do que em dados momentos é dito sobre determinados assuntos. Como critérios para análise, buscou-se a verificação das condições de produção, em que o acontecimento tornado notícia em jornal impresso também é um acontecimento. Seu espaço-tempo, contexto e canal podem realizar o agendamento do tema para a sociedade, criando nesta noticiabilidade a espetacularização e a midiatização do fato. Na próxima seção, os dados serão descritos e analisados, trazendo os resultados obtidos com este estudo.

### **Análise dos dados e resultados**

Para os moradores de Rondônia, o ano de 2014 foi singular, em função de uma das maiores cheias ao longo da bacia do Rio Madeira, em território brasileiro, causando alagamentos e os principais atingidos foram os municípios de Porto Velho, Guajará-Mirim e Nova Mamoré, em Rondônia, deixando isolado por via terrestre o Estado do Acre. Houve ainda reflexos em outros estados. *Grosso modo*, conforme Stachiw (2017, p. 29), “a grande cheia de 2014 afetou Rondônia, Pará, Acre e Amazonas”.

O Rio Madeira é muito importante para a região, pois é fonte de geração de energia, criação de peixes, abastecimento de água nas moradias urbanas. Além disso, também é fonte de lazer e turismo. O rio é de fundamental importância para o Estado e demais regiões por onde suas águas passam. A bacia hidrográfica que forma o Rio Madeira é uma sub-bacia do Rio Amazonas, considerado um dos maiores rios no mundo. Conforme Ribeiro Neto (2006, p. 56), no total, a bacia do Rio Madeira possui 1.420.000 km<sup>2</sup>, com águas vindas do território do Peru e da Bolívia, notadamente os rios Madre de Diós, Beni e Mamoré/Guaporé. Devido ao seu alto potencial hidrelétrico, no Rio Madeira foram construídas duas usinas: Santo Antônio e Jirau.

Como procedimento do estudo das informações coletadas no acervo do Jornal Diário da Amazônia (nome dado a cada matéria/publicação, com o período de veiculação e sua divisão nos cadernos do jornal em relação

à cheia do Rio Madeira de 2014), a opção metodológica foi a de apresentar os dados agrupados e contabilizados em um quadro. O somatório das formas assumidas pelas notícias veiculadas aparece ainda em quatro diferentes gráficos que agrupam os números dos trimestres. A divisão trimestral foi um modo de perfazer o ano hidrológico do Rio Madeira, que representa o início das subidas das águas até a finalização do processo para novo início de ciclo.

O Rio Madeira é constituído de muitos *banzeiros*, cujo nome significa “movimento das águas dos rios, produzidos pelos ventos ou quando passa uma embarcação; ondas no rio agitado” (AMARAL, 2015, p. 22). Da mesma maneira que a água do rio segue seu curso com essas movimentações externas, também os textos da mídia assim se comportaram durante a grande cheia de 2014. Neste estudo, as ondas ou banzeiros podem ser comparados com os textos que apareceram na capa, em entrevistas, em imagens diversas, em editoriais e em matérias das várias seções de um jornal. Já seus movimentos estão ligados aos trimestres de um *ano hidrológico* do Rio Madeira (2013-2014), conforme mostra o Quadro 1.

**Quadro 1:** Distribuição dos gêneros publicados no jornal, referentes à cheia

	Out/Dez 2013	Jan/Mar 2014	Abr/Jun 2014	Jul/Set 2014
Capa	5	117	89	20
Charge	-	23	16	5
Cultura	-	3	-	-
Editorial	2	20	16	3
Entrevista	-	1	2	-
Foto	-	4	-	-
M a t é r i a / Reportagem	15	346	221	79
Nota	-	3	-	-
Artigo de opinião	-	3	1	1
Política	-	41	23	1
Publicidade	-	9	6	-
Tira	-	1	-	-

**Fonte:** Organização própria.

O trimestre com maior número e destaque de notícias foi o que envolveu os meses de janeiro a março de 2014, justamente acompanhando a subida das águas naquele período, uma vez que, logo ao iniciar o ano, o rio já demonstrava que aquele seria um período atípico. E assim como as águas não baixaram rapidamente, também

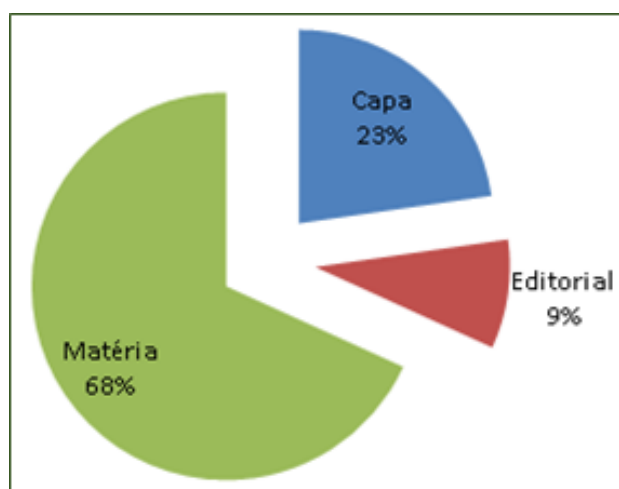


o movimento de notícias e de acompanhamento social continuou alto nos meses de abril, maio e junho de 2014. Ao dividir as publicações em quatro períodos, foi possível acompanhar mais detidamente os banzeiros trimestrais de notícias divulgadas sobre a cheia do Rio Madeira.

*As chuvas dão os primeiros alertas (último trimestre de 2013 – início do ciclo de 2013/2014)*

Nessa fase inicial, quando o rio estava na transição de sua passagem do período de seca para o início do período chuvoso, havia pouca repercussão nas notícias, devido à *naturalidade* dos fatos.

**Gráfico 1:** Distribuição das notícias no último trimestre de 2013



Fonte: Elaboração própria.

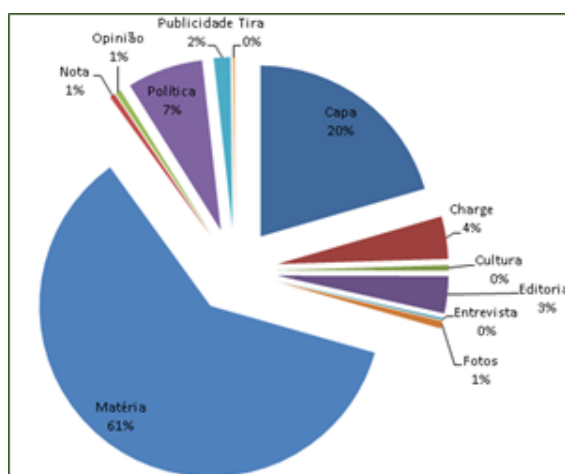
O Gráfico 1 mostra a distribuição textual (dos gêneros) publicados no Jornal Diário da Amazônia, em edições que vão de outubro a dezembro de 2013. Como se pode ver, há pouco mais de 20 notícias, entre 15 matérias gerais, 2 editoriais e 5 aparições em chamadas de capa. Uma observação mais aproximada dos títulos noticiados mostra que nem todas as notícias tinham relação direta com a cheia, mas muitas delas tinham relação com o rio e com as chuvas do período. Havia indicações de que uma cheia diferenciada estava a caminho: em 09/11/2013, na chamada de capa e na matéria interna do jornal a situação começa a ser divulgada: *Nível do rio Madeira sobe e já preocupa Defesa Civil e Madeira sobe o dobro do esperado*. E, na virada de ano, edição de 31/12/2013, o jornal divulgou a seguinte notícia: *Cheia do rio Madeira faz prefeitura decretar estado de alerta na Capital*.

*Dos primeiros desalojados às maiores cotas registradas (primeiro semestre de 2014)*

Conforme mostra o gráfico 2, de 22 matérias publicadas no último trimestre de 2013, o jornal Diário da Amazônia aumentou para 571 notícias sobre esse tema, no primeiro trimestre do ano de 2014.

Foram assim distribuídas as matérias publicadas de janeiro a março de 2014: Matéria (346), Capa (117), Política (41), Publicidade (9), Charge (23), Cultura (3), Editorial (20), Foto (4), Nota (3), Opinião (3), Entrevista (1) e Tira (1). No que tange às notícias publicadas nesse período e selecionadas nesta pesquisa, pode-se dizer que não só o Jornal Diário da Amazônia, mas também os demais veículos de comunicação locais passaram a se interessar pelo tema, pois era um fato que estava abalando toda a região, bem como atraía a atenção da mídia nacional.

**Gráfico 2:** Distribuição das notícias no primeiro trimestre de 2014



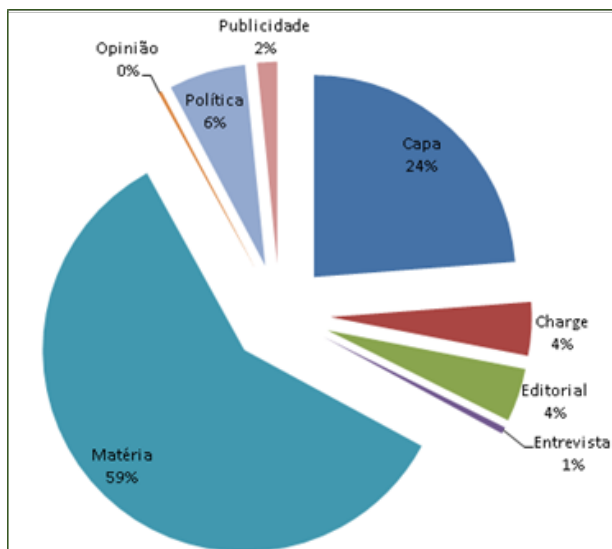
Fonte: Elaboração própria.

As reportagens abordavam interesses de toda a ordem, desde o número de desabrigados, questões referentes à saúde, educação e economia, quanto à espera por ajuda governamental, entre outros temas. Enquanto meio de comunicação tradicional e por ser um jornal impresso, pode-se observar que o período serviu de inovação para o jornal. O veículo buscou aproximar os leitores por meio de estratégias de midiatização e, com esse objetivo, trouxe em torno de quatro edições, com espaços destinados especificamente ao tema da cheia. Publicou imagens fotográficas da cheia do Rio Madeira e também ocupou outras editorias que seriam de matérias/reportagens de tema geral com foco no fenômeno da cheia.

*Rio não quer baixar, no entanto é hora da reconstrução (segundo trimestre de 2014)*

O segundo trimestre do ano de 2014 ainda apresentava notícias acima da média sobre a enchente: 374, com as matérias de cunho geral à frente das demais: Matéria (221), Capa (89), Política (23), Charge (16), Editorial (16), Publicidade (6), Entrevista (2) e Opinião (1), conforme gráfico a seguir:

**Gráfico 3:** Distribuição das notícias no segundo trimestre de 2014



Fonte: Elaboração própria.

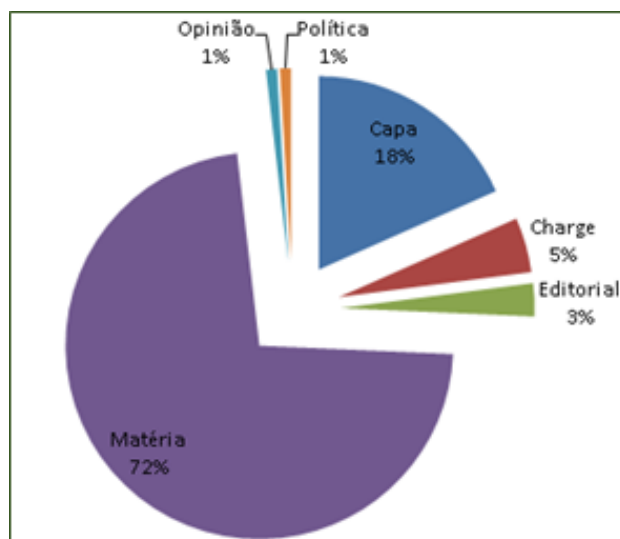
Importa notar que, no gênero discursivo referente à publicidade, os dados são mais ilustrativos, uma vez que esta pesquisa visou os textos referenciais, especialmente notícias, manchetes, charges. Desta forma, não contabilizou com maior exatidão todas as vezes que o jornal trouxe a campanha do SOS Rio Madeira, visando a recolher fundos para colaborar com as famílias desabrigadas, ou outros conteúdos publicitários. Porém, ressalta-se que essa medida demonstrava preocupação social, pois não só o próprio jornal trouxe seus calhaus<sup>45</sup> e propagandas, mas também outras entidades o fizeram.

*E uma nova cheia voltará? (terceiro semestre de 2014 – fim do ciclo 2013/2014)*

Assim como a região ainda se recuperava da pós-cheia, também o Jornal Diário da Amazônia se manteve noticiando fatos relativos às chuvas, águas do rio, recuperação dos estragos, entre outros. Foram 109 notícias de julho a setembro de 2014: Matéria (79), Capa (20), Charge (5), Editorial (3), Opinião (1) e Política (1). O Gráfico 4 computa os dados desse período, sendo que o foco estava nas notícias sobre a limpeza, a reconstrução, os sedimentos e a dragagem do rio, pois havia riscos de uma nova cheia. Enfim, havia preparação para quando viesse o novo período de subida das águas.

45. Calhau é um anúncio criado pela própria empresa jornalística e que cobre espaços não ocupados por matérias, ou não comprados por terceiros para veicular propagandas pagas.

Gráfico 4: Distribuição das notícias no terceiro trimestre de 2014



Fonte: Elaboração própria.

A partir das notícias (em diferentes gêneros) veiculadas pelo Jornal Diário da Amazônia, conforme apresentado nas quatro figuras anteriores, durante o período de um ano (setembro de 2013 a outubro de 2014), denominado pelas autoridades especializadas no assunto como um *ano hidrológico* do Rio Madeira, é possível fazer ainda alguns destaques. Entre eles, por exemplo, o de que o aparecimento e a responsabilidade pelas informações (ou vozes que o jornal dizia ouvir e veicular em suas matérias) normalmente são divididas entre entidades juridicamente constituídas ou por moradores da cidade.

É o caso da matéria publicada no dia 09/11/2013, sob o título *Madeira sobe o dobro* do esperado, cujo teor do texto foi produzido pelas falas de entrevistados representantes da Defesa Civil Municipal, do Sipam (Sistema de Proteção da Amazônia) e de ribeirinhos que, devido à proximidade com o rio e localização de suas casas, podiam ser atingidos na cidade. No que tange às entrevistas de cunho *técnico*, do Sipam e outros órgãos de acompanhamento, houve um revezamento de representantes de órgãos públicos nesses períodos, indo de órgãos mais executores das ações (defesas civis e outros) aos executores-articuladores (políticos, prefeitos, governador e outros).

Das condições de produção aqui registradas, dentro de um período de cheia além das médias registradas anteriormente para a enchente, e de uma publicação midiática de periodicidade que aumentou sua frequência a partir da culminância de elevação maior das águas, passam a ser narradas igualmente uma novela a se aguardar cenas dos próximos capítulos, alcança-se a espetacularização e a midiatização. O canal utilizado para comunicação por meio de jornal impresso acompanham as demais mídias no agendamento do tema para a sociedade

rondoniense. Neste contexto situacional, com o que ficou registrado em linguagem verbal e não verbal através de charges, fotos e outras imagens e que movimentou no conhecimento a respeito do rio, a cheia também se reposicionou socialmente.

Um acontecimento não se repete da mesma maneira, há sempre fatores diversos interferindo. Pode-se comparar à impossibilidade de se banhar no mesmo rio duas vezes. Da mesma maneira, os discursos, rios e cheias, mudam suas apresentações, entretanto conservando lugares de retomadas, ancoragens, enunciações, outros e mesmos. Não se pode naturalizar ou acreditar no mesmo fenômeno se repetindo igualmente foi um dia (se nem o gráfico produzido pelas cotas anuais de elevação são iguais em todos os anos de subidas e descidas do rio). Vale dizer que o comportamento em relação a ele tem variações conforme a época, nascendo a partir do já existente e do já apagado: novos rios, discursos e acompanhamentos da mídia. É o que fica após serem analisadas trimestralmente as notícias do interstício entre outubro de 2013 e setembro de 2014. A periodicidade e o espaço-tempo de divulgação das matérias na continuidade entre os fatos para a agenda de debates na cidade interagem com o fenômeno histórico-cultural. Na materialidade da língua, os enunciados falam sobre o mesmo fato, sem, contudo, ter a mesma significação.

Ainda como destaque nesta análise do Jornal Diário da Amazônia, a primeira aparição da nomenclatura *cheia histórica* nos títulos das matérias ocorreu no editorial de 16 e 17/02/2014, que foi nomeado de *Uma cheia histórica*. No mesmo dia, a capa trouxe a chamada intitulada *Nível do rio atinge 17,50m*, na edição de 16 e 17/02/2014, o que significava dois centímetros abaixo do maior nível acompanhado pelos órgãos de controle até aquele momento (registrado na cheia de 1997). Conforme o editorial daquele dia, a subida das águas era considerada como “de forma impressionante e jamais vista por jornalistas experientes que fazem a cobertura desse fenômeno” (DIÁRIO DA AMAZÔNIA, 2014).

Como critérios para análise, buscou-se a verificação das condições de produção, em que o acontecimento tornado notícia em jornal impresso também é um acontecimento. O ritual trazido por meio do jornal impresso a seus conteúdos legitimou a informação passada, enquanto meio autêntico para fazer a circulação das notícias. Seu espaço-temporal, contexto e canal podem realizar o agendamento do tema para a sociedade, criando nesta noticiabilidade a espetacularização e a midiáticação do fato.

Se a cultura midiática faz a mediação entre realidade e leitores, a construção da realidade contribuiu para que o leitor produzisse formas simbólicas de representação da cheia. O acontecimento foi consumido enquanto produto de informação em uma dispersão de textos, fazendo parte dessa coerência global que é verificada pela Análise do

Discurso. As delimitações feitas representam a formação da identidade da cheia daquele ano, que é lembrada por ser histórica por sua comunidade discursiva, na forma como a sociedade se representa. E foi dentro desse contexto de que um novo acontecimento se apresentava na própria enchente e nas páginas do jornal que as condições de produções foram alcançando os efeitos de sentido de uma cheia histórica. Registrada e, assim, lembrada pela população de Porto Velho e região, com essa ambientação física da enunciação passando a fazer parte da memória.

### Considerações finais

Ao observar os discursos em relação à elevação das águas durante a Cheia Histórica do Rio Madeira do ano de 2013 para 2014, foi possível observar quais foram as condições de produção do discurso e os sentidos produzidos, tendo por referência um jornal impresso na capital de Porto Velho (RO). Na ligação entre linguagem, mídia e história representada no discurso midiático, analisou-se o *corpus* material que circulou para venda no período de outubro de 2013 a setembro de 2014. A identidade cultural de Porto Velho é muito ligada ao Rio Madeira, que faz parte de sua formação desde o início. Da mesma maneira, a identidade da cheia daquele período foi construída com a colaboração da mídia.

Este artigo teve por objetivo analisar como as condições de produção do discurso influenciaram na noticiabilidade dos fatos em dado período da história em Rondônia. Para esse fim, foram selecionadas notícias veiculadas no Jornal Diário da Amazônia, em período de cheia excepcional do Rio Madeira, chamado de ano hidrológico desse rio. A cheia de 2014 passou a ser tema, com seus enunciadores organizando posicionamentos e trabalhando suas memórias na produção de diferentes sentidos. Mais do que somente os números extraordinários da elevação do rio para o qual havia sido registrado até o momento, o olhar da mídia produziu sentidos a partir das informações levadas ao público sobre o fato.

Houve aumento no número de notícias (em diferentes gêneros) no jornal de modo proporcional à subida das águas no rio, demonstrando que a linguagem midiática refletia socialmente o evento de transbordamento do rio. Assim, a cheia/alagação/enchente tornou-se histórica<sup>46</sup>, de forma a ficar *consagrada* pela história (de alguma forma considerada, reconhecida, celebrada, prestigiada, destacada, famosa, distinta, renomada) e digna de ser lembrada (memoriada), comprovando ser um fato verídico (verdadeiro, autêntico, documentado). Do mesmo modo, as forças sociais tentaram se impor, desde a consagração política, econômica, de maneira técnica e objetivamente,

46. Dicionário de Sinônimos. Disponível em: <https://www.sinonimos.com.br/historica>. Acesso em: 27 mar. 2018.

formas que extrapolam a análise neste trabalho e que, entretanto, também nele estão contidas.

Na mídia, o referencial é um simulacro, em que o Outro, o histórico, é buscado e renovado, mas ao mesmo tempo apagado, esquecido e construído e reconstruído. Os banzeiros discursivos, portanto, se comportaram como ondas, as quais ora se afastavam, ora se encontravam, dependendo das condições de produção do discurso que veiculava em cada período da cheia. Da mesma forma que a coerência global maingueneuana estaria buscando refletir sobre a profundidade e a superfície dos escritos, analisar os banzeiros de maiores ou menores números de publicação demonstrou a ligação social entre acontecimento e interesse social-midiático.

E, correlato a isso, a midiaticização da realidade reproduzida simbolicamente no total de notícias de diferentes formatos veiculadas no jornal fez surgir determinadas visões que se consolidaram entre os consumidores de informação. A mídia auxiliou na continuidade dos acontecimentos para fixar a memória social. Consequentemente, a espetacularização colaborou na construção de significações que, apesar de se referirem ao mesmo fato, cristalizaram a cheia histórica em posicionamentos sociais.

No trabalho jornalístico, a opção por haver afastamento de quem produz o texto, usando um dizer objetivo, as entidades da mídia procederam à reorganização do desastre ambiental. Assim, o simulacro noticiado conseguiu refletir sobre a ocupação histórica e as atuais ações socioeconômicas na região. Entre as conclusões, está a de que as águas de um rio não correm isoladas das disputas que dele fazem parte. No caso do Rio Madeira, há uma contínua luta por espaço que é tão gigante quanto ele. Isso porque sua riqueza mitológica de pertencimento amazônico faz com que o rio seja historicamente procurado, tendo em vista o grande poder atual de atrair investimento em nome do desenvolvimento não só da região, mas também de todo o país.

## Referências

AMARAL, Nair Ferreira Gurgel do. **Carapanã encheu, voo: o “portovelhês”**. Porto Velho: Temática, 2015.

GREGOLIN, **Filigramas do discurso: as vozes da história**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2000.

DIÁRIO DA AMAZÔNIA. **Editorial: Uma cheia histórica**. Porto Velho, 16 e 17 Fev 2014, p. A2.

DIÁRIO DA AMAZÔNIA. **Especial de Aniversário do Diário da Amazônia: Histórico do Diário da Amazônia**. Porto Velho, 13 Set 2016, p. C1.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em Análise do Discurso**. 2. ed. Campinas: Pontes Editores, 1993.

MAINGUENEAU, Dominique. **Termos-chave da análise do discurso**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos Discursos**. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Orgs). **Por uma análise automática do discurso: Uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 5. ed. Campinas: Unicamp, 2014.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. 7. ed. Campinas: Pontes Editores, 2015.

RIBEIRO NETO, Alfredo. **Simulação Hidrológica da Amazônia**. Rio de Janeiro: Tese (Doutorado em Engenharia Civil), 2006, COPPE/ UFRJ.

SILVA, Rafael Souza. **Controle remoto de papel: o efeito zapping no jornalismo impresso**. São Paulo: Fapesp, 2007.

STACHIW, Rosalvo. **Cartilha das águas de Rondônia**. Rolim de Moura: Northe Plataforma, 2017.

VALENCISE, Maria do Rosário (org). **Discurso e Mídia: a cultura do espetáculo**. São Carlos: Claraluz, 2003.